

TRABALHANDO O TEMA DA "DIFERENÇA" EM SALA: NOÇÕES DOS ALUNOS SOBRE CONCEPÇÕES NAZISTAS NOS SÉCULOS XX E XXI

WORKING ON THE "DIFFERENCE" ISSUE IN THE CLASSROOM: STUDENTS PERCEPTIONS ABOUT THE NAZIS CONCEPTIONS IN THE XXTH AND XXIST CENTURIES

*Lucas Werlang Girardi
Maria Luiza Galle Lopedote¹*

RESUMO: Versa sobre uma experiência em sala de aula dos autores, bolsistas PIBID, que teve lugar no segundo semestre de 2012, na Escola de Educação Básica Padre Anchieta, Florianópolis. Relata-se e analisa-se a intervenção em forma de aula-oficina realizada com 23 alunos entre 15 e 20 anos do Segundo Ano do Ensino Médio, durante três encontros (totalizando seis horas/aulas). O tema "Período entreguerras e regimes totalitários" foi estabelecido de acordo com o cronograma da professora da unidade escolar, mas o recorte temático "Nazismo" foi definido após investigação das ideias prévias dos alunos e observação da turma. Foi objetivo atuar na consciência histórica dos alunos tanto para discutir a ineficácia e suprimir os binarismos simplistas vítima/algoz ou bom/mau, quanto para apontar para permanências no presente de certas concepções do nazismo e a necessidade de cessar ou transformar tal paradigma. Quis-se instrumentalizá-los para um posicionamento crítico em relação à sociedade que os envolve, e orientá-los em termos de ações futuras.

Palavras-chave: Ensino de História. Nazismo. PIBID.

ABSTRACT: Explains the authors (PIBID trainees) experience inside the classroom that happened in the second half of 2012, at the Escola de Educação Básica Padre Anchieta, Florianópolis. There were three classes, which were prepared as "workshops", with 23 high school students between 15 and 20 years. The topic, "the interwar period and the rise of totalitarian regime" was established after the teacher's chronogram, but the focus on "Nazism" was defined after observing the class and researching what could be more relevant to the students. The objective was to operate with their historical thinking, both for discussing the inefficiency and to suppress the "good/bad" or "punisher/victim" Manichaeism, and to point out the continuity of certain types of thinking from that period nowadays, looking forward to cut off or transform those paradigms. The project tried to make the students more critical about the society they live in, and to orientate them in terms of future actions.

Keywords: Historical Education. Nazism. PIBID.

¹ Acadêmicos do curso de História da História da Universidade do Estado de Santa Catarina

Introdução

O presente artigo versa sobre experiências e reflexões advindas da participação dos autores no projeto *Práticas pedagógicas na Educação Básica: qualificando a formação inicial e continuada*, desenvolvido na UDESC entre julho de 2011 e dezembro de 2013, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do Ministério da Educação – PIBID/CAPES, e mais especificamente seguindo as diretrizes do subprojeto da área de História intitulado *Pensamento histórico de jovens e crianças na Educação Básica*, coordenado pelas professoras Dra. Cristiani Bereta da Silva e Dra. Luciana Rossato.

As experiências aqui em questão tiveram lugar entre julho e dezembro de 2012 na Escola de Educação Básica Padre Anchieta, localizada em Florianópolis, no bairro Agrônômica. A escola possui cerca de 900 matriculados por ano, e atende as comunidades próximas de Vila Aparecida, Morro do 25, Morro do Horácio e Vila Santa Rosa, das quais provém a maior parte dos estudantes. São regiões que desde fins do século XIX receberam populações majoritariamente de origem africana, de baixa renda, expulsas de outras localidades, e que nas últimas décadas do século XX viram aumentar vertiginosamente seu número de habitantes (CARDOSO, 2004; NECKEL, 2003).

A turma com a qual se trabalhou, então no segundo ano do ensino médio, participa do projeto PIBID desde seu início em julho de 2011 e segue recebendo acadêmicos no âmbito deste programa no presente ano de 2013. Ao longo dos meses de observação, a turma teve número relativamente estável de 23 alunos, com faixa etária entre 15 e 20 anos. A maioria nasceu em Florianópolis, mora com a mãe, reside próximo à escola e vem a pé estudar. Em geral com baixa escolaridade, a maioria dos pais não completou o ensino fundamental. Também é relevante o fato de que mais da metade dos alunos já foi reprovado pelo menos uma vez.

1. Pressupostos teóricos, descrição e análise da prática

A proposta de trabalho para a o desenvolvimento do Programa de Iniciação à Docência PIBID/UDESC na área de Licenciatura em História é a da perspectiva da educação histórica. Para além dos objetivos gerais deste programa, o Ensino de História no âmbito do PIBID traz objetivos próprios a esta área do conhecimento.

É a partir da investigação de quem são os alunos da turma – seu contexto socioeconômico, posicionamentos políticos, interesses – e como é a escola da qual fazem parte, que determinados eventos do passado ou temas devem ser selecionados e trabalhados em sala. A abordagem didática visa uma subjetivação do tema pelos alunos de modo a ampliar sua consciência histórica. A consciência histórica dos alunos é algo que lhes é inerente, uma vez que são seres sociais, e é criada, recriada, transformada continuamente nos variados círculos e instituições de convívio social, dentre eles a família, por exemplo, e a escola. Ela advém da experiência vivida pelo indivíduo, das narrativas transmitidas pelas diversas mídias, e também dos produtos da ciência histórica; é através dela que a relação entre experiência no tempo e intenção no tempo se realiza. Ao ensino de história cabe o agir na consciência histórica dos alunos de modo a revirá-la; deve prover os alunos de elementos de racionalidade que promovam efeitos sociais (BERGMAN, 1990; CERRI, 2001; MARIA AUXILIADORA, 2009; MARTINS, 2011; RUSEN, 2009).

A perspectiva da educação histórica entende a história como um processo de produção de sentido entre passado, presente e futuro. É, portanto, constitutivo de identidade e orienta as intenções e as ações do indivíduo. Não uma disciplina de memorização de eventos distanciados, mas sim de instrumentalização para o pensamento crítico com uma didática específica. No aprendizado histórico os fatos e eventos do passado tornam-se subjetivos e passam a exercer um papel na mente de uma pessoa.

Dentre os recursos didáticos possíveis para se alcançar tal objetivo estão: uso de fontes em sala de aula, exercitando ferramentas que possibilitem a análise histórica desses documentos, bem como construção das "trajetórias" de

determinados objetos/problemas/assuntos. São importantes no processo de ensino-aprendizagem histórico os conceitos de “mudança” e “permanência”. O objetivo central é o de ensinar o aluno a pensar historicamente, a datar costumes, práticas, dogmas, bem como desigualdades, preconceitos, exclusões, de modo que possa percebê-las como o são: construídas historicamente, e, portanto, passíveis de transformação (BARCA, 2009).

De acordo com o cronograma da professora da unidade de ensino, foi definido que teríamos a disposição três encontros (seis horas/aula) e que deveríamos eleger um recorte dentro do tema “Período entreguerras e regimes totalitários”. Após seis semanas de observação, realizamos essa intervenção, e terminada a nossa regência das aulas seguimos acompanhando as aulas naquela turma até o fim do ano letivo.

Após aplicarmos um instrumento de investigação prévia – em que pedimos para que os alunos apontassem as ideias que lhes vinham à cabeça ao se falar em “Nazismo”, “Totalitarismo” e “Segunda Guerra Mundial” – percebemos que o primeiro conceito foi o que mais ganhou ideias. A familiaridade dos alunos com o tema possivelmente se relaciona com a larga difusão de produtos culturais, como filmes, sobre o assunto. E foi ao intuirmos esse maior contato dos alunos com o tema, que decidimos focar nossa intervenção sobre o “nazismo alemão”.

Dentre os objetivos, elencamos ser importante estabelecer o contato dos alunos com documentos e ferramentas de análise histórica. Quanto ao conteúdo, estabelecemos três vértices: 1) refletir sobre os porquês do nazismo alemão ter conquistado espaço naquela sociedade, principalmente sob a chave [crise(s) de paradigma – bode expiatório], de modo a aproximar os alunos àquele tempo e ao “outro” alemão do início do século XX; 2) ampliar a noção de que as ideias-base do nazismo eram circunscritas à Alemanha, entendendo-as como desenvolvidas em um processo de longo prazo por toda a Europa e alhures, de forma a ultrapassar o binarismo maniqueísta vítima/algoz e judeu/alemão; 3) discutir e analisar permanências no presente – neonazismos, enfatizando a necessidade de rompimento com ideias de superioridade racial/étnica/religiosa hoje vigentes em vista das consequências a que podem levar, entendendo a histórica como experiência vicária (LEE, 2001).

Fazer uma abordagem de tais problemáticas através de fontes foi uma estratégia pensada para despertar o interesse dos alunos em participar das atividades, e, principalmente, para fornecer-lhes ferramentas para analisarem o que é veiculado na mídia, especificamente nos suportes jornal impresso e filme.

Ao preparar a intervenção em sala, seguimos os pressupostos de aula-oficina de Barca, entendendo que cabe ao professor ser um investigador social e intérprete do mundo conceitual dos alunos para em seguida modificá-lo positivamente. O método para alcançar tal objetivo é trabalhar com fontes de diferentes suportes, ensinar a analisá-las em sala, e através delas construir um entendimento de situações humanas em diferentes tempos/espacos. Finalmente, instigar o aluno a comunicar de algum modo tal entendimento, mostrando qual a interpretação que foi feita a partir daquelas fontes, e tornando possível ao professor perceber quês mudanças conceituais se deram de fato (BARCA, 2009, p. 133-137). Ainda que se refira a sequências didáticas mais longas, em nosso projeto de intervenção procuramos seguir seus passos e investigar conhecimentos prévios, pensar questões a partir da realidade dos alunos, fazer o uso de fontes e sua análise para construção do conhecimento, e finalmente pedir uma produção de narrativa que pudesse demonstrar a interpretação construída pelo aluno do tema.

No primeiro encontro (2h/a) previmos uma aula expositivo-dialogada sobre o contexto europeu no início do século XX, sobre a teoria do evolucionismo social e sobre o pós-Primeira Guerra nos países beligerantes derrotados, com ênfase na Alemanha. O segundo encontro (2h/a) teria início na sala de audiovisual com exibição de trechos do filme *O Triunfo da Vontade* (Leni Riefenstahl, Alemanha, 1936); em seguida seria provocada uma discussão sobre características do nazismo a partir de elementos do filme; no último momento desse encontro, haveria a distribuição para cada aluno de charges do *Jornal Der Strürmer* (LIEBEL, 2006), dos anos entre 1931 e 1936, as quais seriam analisadas com toda a turma, e aproximação da problemática para questões do presente.

Nas primeiras aulas, sob a forma de aula expositivo-dialogada, os bolsistas procuraram explicar o momento em que a Europa estava inserida, abrangendo desde o período anterior à Primeira Guerra, com a teoria do darwinismo social, e

chegando até as consequências sofridas pelos países beligerantes derrotados ao fim do conflito. A todo o momento procuramos o diálogo com os alunos, construindo desta forma um raciocínio em conjunto e tentando chegar a conclusões conjuntas sobre quais poderiam ter sido os eventos que levaram ao nazismo. Uma contextualização bastante ampla e breve, mas necessária, considerando que aquela matéria já tinha sido abordada em aulas anteriores pela professora da turma.

Na segunda semana, a aula começou na sala de audiovisual da escola, onde foram exibidos trechos do filme selecionado, que se trata da cobertura de um acampamento de jovens alemães nazistas na época. Foram apontados nortes para a observação s alunos (a postura, a voz, a organização, o conteúdo dos discursos, etc.). Já na sala de aula regular, tentou-se inferir com os alunos quando e quem teria feito aquele filme, com que propósitos, qual teria sido seu impacto na sociedade alemã, que tipo de mensagem ele passava etc., o que gerou discussão aberta com toda turma. Pinçando elementos apresentados pelos alunos, foi-se elaborando no quadro “o que era” o nazismo com palavras-chave que surgiram ou foram suscitadas pelos bolsistas no debate. Houve bastante interesse dos alunos e a grande maioria participou com contribuições do que viu no filme, opiniões às perguntas especulativas e hipóteses.

O segundo momento desta aula deu-se a partir da distribuição a cada um dos alunos de uma seleção de charges que tinham como fim pedagógico a construção do estereótipo do judeu pelos jornais alemães nazistas e de como deveriam ser as relações entre “judeu” e “alemão”. A análise de charges foi feita também com a turma inteira, sendo os bolsistas os regentes da discussão. Foram feitas perguntas sobre o documento e sobre a relação destas charges com o filme.

Os alunos foram perguntados sobre o objetivo das charges em geral, o porquê de utilizar o recurso da charge para inferiorizar um grupo de pessoas, quais eram os aspectos que eles conseguiam enxergar na figura e que mensagens elas queriam passar ao leitor, entre outros. Também houve muita participação, e os alunos estavam muito empolgados com a atividade. Finalmente, levantou-se a questão: e hoje, que estereótipos estão vigentes? A que servem, quais implicações políticas ou sociais eles tem? Visamos aproximar

o debate ao presente, promovendo a reflexão sobre quais meios são utilizados e como são criados estereótipos hoje em dia. Muitos exemplos surgiram, situações de preconceito foram relatadas, e inclusive um aluno se manifestou a favor de alguns preconceitos e não pareceu deixar-se afetar pelas discussões até aqui feitas.

Os debates deste dia foram, na visão dos bolsistas, muito produtivos. Os alunos pareciam entender a proposta da oficina, se esforçando – alguns mais do que outros – para relacionar o conteúdo exposto nas primeiras aulas com o audiovisual e participando ativamente na descrição das charges. Estas duas aulas de análise neste segundo encontro objetivaram que o aluno entendesse o contexto político em que a população estava inserida, com uma forte ideologia sendo propagada também pelo cinema e pelos jornais, todas levando a um mesmo lugar – negativizando e culpando sempre a um mesmo grupo, trazendo uma ideia de superioridade racial e prometendo um reerguimento do povo alemão.

Houve então um intervalo de uma semana entre este segundo encontro e o terceiro, o que gerou um descompasso na sequência didática prevista e afetou negativamente o curso da intervenção. De qualquer modo, neste terceiro e último encontro de oficina, os bolsistas prepararam uma curta aula expositiva sobre governos autoritários, baseando-se na leitura de Hanna Arendt. O objetivo foi o fechamento de algumas ideias e o estabelecimento de relações entre as discussões da oficina os eventos históricos subsequentes, que seriam trabalhados pela professora da unidade escolar. Não houve muito interesse ou participação por parte da turma nesta aula, e acreditamos que tenha sido porque o assunto era muito novo e os alunos não estavam familiarizados com ele.

No segundo momento desse último encontro aplicamos uma atividade para investigar se nossa intervenção foi capaz de agir e transformar os conceitos prévios dos alunos e a instrumentalizá-los para a análise de fontes e sua interpretação. A atividade individual consistiu na leitura de uma reportagem sobre neonazistas na Grécia naquele mesmo ano, e na resolução da seguinte pergunta: “Por que podemos caracterizar esse grupo da reportagem como

neonazista? Aponte para semelhanças e diferenças entre o neonazismo da reportagem e o nazismo alemão”.

2. Uma análise das produções escritas: transformações?

Com a atividade, queria-se que os alunos percebessem que certos tipos de exclusão e ideais de superioridade semelhantes aos nazistas continuam a existir nos dias de hoje, e que situações de “crise” podem ser um terreno fértil para essas ideias. Porém, apesar da proposta e dos debates terem parecido bastante produtivos, nem todas as respostas mostraram uma mudança no pensamento dos alunos.

Foram feitas muitas citações do texto, alguns inclusive escreveram poucas palavras por si, tornando a resposta uma transcrição. Também recebemos algumas atividades escritas em tom de “desabafo”, talvez por falta de prática com um texto dissertativo, talvez porque assim a escrita se torna mais “cômoda” para o aluno. Esses alunos demonstraram ter aproximado o tema com sua realidade, ainda que não tenham desenvolvido propriamente as questões pedidas. Como exemplo, o texto de AC²:

É um absurdo situações assim acontecerem nos dias de hoje, todo ser humano tem livre arbítrio, além de absurdo é também uma coisa injusta, pois as pessoas trabalham, se esforçam, economizam, até conseguir seu próprio negócio, aí chega um grupo de pessoas se achando os donos do mundo e mandam as pessoas abandonarem o trabalho (investimento, esforço) de uma vida inteira.

Ou ainda o de MN:

Fico abismada como no mundo que vivemos hoje ainda existir perseguição e tamanha crueldade.

² Serão usadas as iniciais dos alunos para manter sua privacidade. A grafia dos trechos aqui transcritos corresponde à original.

Muitos alunos também confundiram o período em que a reportagem se inseria, tratando o neonazismo como passado, antigo, apesar da data aparecer logo abaixo do título da matéria. Outros trataram os "neonazistas" como um grupo específico ou ainda como o mesmo que "nazismo". KS tratou o neonazismo como passado, e inventou um "fim" para os neonazistas, claramente calcado naquilo que nós bolsistas havíamos apresentado como ideal:

Os neonazistas muito racistas, espancavam os imigrantes dos outros países [...]. Foi uma grande batalha para combater os neonazistas.

No entanto, apesar de equívocos cometidos por alguns alunos, outros responderam de forma bastante completa, citando pontos que foram ao encontro dos objetivos dos bolsistas. DF escreve a questão da crise como um terreno fértil para a ascensão de partidos de extrema direita:

Assim como ocorreu com o Nacional Socialista, na Alemanha, o partido Aurora Dourada ganha influência em cima da situação ruim no qual o país se encontra (crise econômica, desemprego).

GP cita a questão do nacionalismo interligado à perseguição a estrangeiros:

A forte influência de identidade étnica e nacionalismo do grupo é expresso através das perseguições e constantes torturas a estrangeiros.

Muitos alunos deram suas opiniões, tanto contrárias à reportagem quanto a favor do fato de terem atribuído ao grupo grego o adjetivo de neonazista. Dentre os que discordavam do grupo ser chamado de neonazista, mais do que em termos lógicos, pareceu haver um certo receio em se taxar grupos na atualidade com tal alcunha. Por exemplo, JB:

então para concluir em minha opinião eles não são os "neonazistas" mas sim um grupo racista que usa o Nazismo como base para sua ideologia.

Por outro lado, MK pensou de forma diferente, e ampliou sua visão para uma realidade mundial, sugerindo:

Eu ainda acho que existe o neonazismo em sigilo [sic] como este caso, em que todos os prováveis neonazistas praticaram o neonazismo em seu país.

E, de volta para JB, apesar de argumentar contra taxar o grupo de "neonazista", o mesmo finaliza seu texto explicando uma similaridade que achou entre o nazismo alemão e o grupo da reportagem:

Alguém com pensamento preconceituoso e mesquinho vem querendo mudar uma sociedade "democrática" e "mista" em uma sociedade xenofóbica e "pura".

A resolução da questão proposta a partir do documento distribuído foi, em nosso ponto de vista, um *desafio cognitivo* nos termos de Barca (2009). Esperava-se que os alunos fossem capazes de perceber de que tipo de documento se tratava, com suas especificidades e seu poder de construção de verdades/estereótipos através daquilo que pretendem informar. Foi satisfatório o fato de que os próprios alunos perguntaram se era permitido discordar com a alcunha de neonazista ao grupo retratado, ideia que não havia ocorrido aos bolsistas. Os alunos são, de fato, agentes de seu próprio conhecimento e têm vastas experiências das quais partem suas concepções de mundo e conceitos. Mas, se alguns perceberam tal especificidade, outros não enxergaram a reportagem como um documento e não o problematizaram. Além de confundi-la com um material sobre algum evento histórico do passado, não duvidaram de sua autoridade ou questionaram o que está dito.

Também se percebeu que o fato da reportagem trazer relatos de perseguição tocou bastante os alunos, que se reportaram à situação e se

imaginaram vivenciando-a. Isso aparece nas entrelinhas de algumas respostas que recontam passagens da reportagem com palavras próprias e ao final trazem um julgamento da situação como se os próprios alunos a tivessem experimentado. Tal efeito também foi inesperado e nos foi interessante: uma aproximação de tal situação da reportagem ao imaginário do aluno pode, eventualmente, permiti-lo perceber situações que ele vive no seu cotidiano como análogas a esta, às quais ele agora construiu uma orientação sobre e pode, portanto, pensar ações no presente e no futuro de modo a propor rupturas.

Em uma tentativa de sistematizar os resultados, das 23 atividades recebidas, pode-se dizer que oito delas fizeram excelentes relações, análises e comparações entre os contextos do nazismo e do neonazismo, tendo alcançado o objetivo previsto da atividade (aproximadamente 29% dos alunos). Seis alunos alcançaram parcialmente o objetivo, tendo estabelecido comparações, porém sem muita profundidade ou sem uma argumentação eficaz sobre suas análises.

Mesmo aqueles que não compararam os dois contextos conforme pedia a atividade, alcançaram sucesso, de certo modo, ainda que não nos termos previstos – demonstraram identificação com os relatos apresentados na reportagem e os julgaram de acordo com experiências individuais e com discussões em sala. Perpassando cerca de metade das respostas, percebeu-se essa aproximação com a situação relatada na reportagem e um julgamento por vezes ponderando os dois lados apresentados na reportagem ("os que atacam", "os atacados"), por vezes dando mais razão "aos atacados". Tal recorrência de respostas análogas pode suscitar pelo menos duas interpretações. Pode ser visto de maneira positiva, conforme dito anteriormente, como sinal de que gerou impacto e subjetivação por parte do aluno. Mas, também, pode-se entender que os alunos consideraram esta a resposta que era esperada por nós bolsistas e que, portanto, ela não representa de fato suas ideias e nem gerou transformações em seus conceitos prévios.

Se pouco mais da metade da sala se utilizou de ferramentas analíticas ensinadas em sala na atividade, o que foi bastante satisfatório, a outra metade apresentou dificuldades em utilizar ferramentas de análise histórica. Infelizmente não tivemos controle da presença dos alunos nos dois primeiros encontros, o que

sem dúvida influenciou nas respostas à atividade escrita, e pode confundir nossas análises de resultados da intervenção. O intervalo entre o encontro da aplicação da atividade interpretativa escrita e os dois anteriores também influenciou no insucesso de alguns alunos, mas, também, o curto tempo para a sequência didática, e, evidentemente, a possível ineficácia das estratégias utilizadas em proporcionar um conhecimento histórico nos termos da educação histórica são fatores importantes na análise dos resultados.

Considerações finais

Com essa intervenção objetivou-se, através dos pressupostos teóricos da educação histórica e da aula-oficina, perceber o contexto dos alunos e da escola e investigar seus conhecimentos e ideias prévias sobre o tema antes de dar início às aulas. A eleição do recorte procurou pautar-se no assunto que trazia mais conhecimentos prévios dos alunos, para aproveitar conceitos já existentes e tentar transformá-los, considerando que o tema do nazismo - e temáticas como preconceitos, noções de superioridade/inferioridade, e estereótipos - eram importantes para o cotidiano dos alunos e poderiam ajudá-los a interpretar seu presente e orientarem-se para ações futuras.

Ao aproximar uma discussão histórica para o presente e apontar para permanências de longa duração ao tipo de raciocínio do nazismo alemão, a intenção foi a de datar tais lógicas de pensamento e de atribuir juízo de valor a elas de modo a entendê-las como eventos do passado, mas também como paradigmas que devem ser rompidos na atualidade, que não devem seguir vigentes. Quisemos, assim, atuar na consciência histórica dos alunos a respeito do tema, especificamente, de modo a aproximá-los da possibilidade de ter vivido ou participado daquilo e da necessidade de superação desse tipo de concepção da diferença.

Referências

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projeto à avaliação. In: _____(org.) *Para uma educação histórica de qualidade*. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.
- BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. Dossiê História em Quadro-Negro: escola, ensino e aprendizagem. *Revista Brasileira de História*, São Paulo. V.9. N.19 pp. 29-42. set.1989/fev.1990.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *Negros em desterro. Experiências de populações de origem africana em Florianópolis, 1860/1888*. Tese de Doutorado na PUC/SP. São Paulo, 2004.
- CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. *Revista de História Regional* 6(2): 93-112, 2001. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2133/1614>, acesso em 13/09/2013.
- LEE, Peter. Por que aprender História? *Educar em Revista*, Curitiba. N.42. pp 19-42. Out./dez2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n42/a03n42.pdf>, acesso em 13/09/2013.
- LIEBEL, Vinícius. *Humor, propaganda e persuasão: as charges e seu lugar na propaganda nazista*. Dissertação de Mestrado em História, UFPR. Curitiba, 2006. Disponível em <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/5779/Humor%20Propaganda%20e%20Persuas%C3%A3o.pdf?sequence=1>, 13/09/2013.
- MARTINS, Estevão C. Rezende. História: consciência, pensamento, cultura, ensino. *Educar*, Curitiba, n 42. p.43-58, 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602011000500004&script=sci_abstract&lng=es, acesso em 13/09/2013.
- NECKEL, Roselane. *A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920)*. Florianópolis: EDUFSC, 2003.
- Neonazistas atacam imigrantes estrangeiros em bairro da Grécia. **Notícias Terra**. s.l. , 07/07/ 2012. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5883775-EI8142,00-Neonazistas+atacam+imigrantes+estrangeiros+em+bairro+da+Grecia.html>, acesso em 16/09/2012.
- RÜSEN, Jorn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*. N.02. pp. 163-209. mar.2009.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (org). *Aprender História: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2009, p. 117-137.

Anexos



Jornal Der Stürmer, 1931, "Compre de Judeus, traia seu povo".



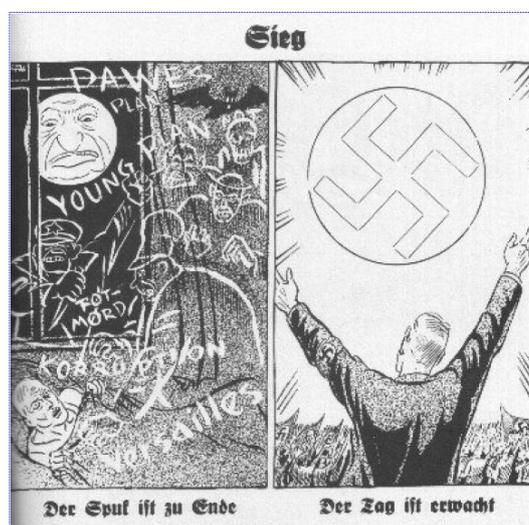
Jornal Der Stürmer, 1934, "Quatro faces judias"



Jornal Der Stürmer, 1936. " Esta é a liberdade a nós destinada // A liberdade que nós vemos onde Judah tem autoridade.// Aprisionada, atrás das grades, // em escura prisão permanece prisioneira a humanidade, que conserva seu gemido por liberdade // e busca a salvação e a libertação.



Jornal Der Stürmer, 1936, "O senhor permite bondosamente ... então eu me aproveito. "



Jornal Der Stürmer, 1933. "A assombração acabou"// "O dia despertou"

Neonazistas atacam imigrantes estrangeiros em bairro da Grécia

07 de julho de 2012 • 23h19 • atualizado em 08 de julho de 2012 às 00h04



O paquistanês Ahmet Nadim diz ter sido ameaçado por militantes do partido Amanhecer Dourado
Foto: EFE

Após convencer mais de 400 mil gregos com seu discurso xenófobo e conseguir uma histórica entrada no Parlamento de Atenas, o partido neonazista Aurora Dourada ampliou sua presença nas ruas, com ataques a estrangeiros e ameaças a comerciantes imigrantes.

"No sábado 23 de junho, chegaram uns 30 ou 35 neonazistas. Alguns vinham de moto e todos estavam armados com bastões e protegidos com capacetes. Entraram em minha loja e me disseram: 'não queremos você aqui. Este é nosso país e não o seu. Vá embora. Tem uma semana para fechar esta loja'", disse à agência *EFE* o paquistanês Ahmet Nadim, que administra uma videolocadora no bairro ateniense de Nikea. "Eu tenho os papéis certos, pago meu aluguel e meus impostos", queixa-se ele, que vive na Grécia há dez de seus 35 anos.

Seu caso não é único. Os estabelecimentos contíguos, uma barbearia e uma mercearia, administrados por imigrantes, também foram ameaçados, enquanto a polícia, situada a 30 m, não interveio. "Tenho vários alunos que se queixaram do mesmo. Alguns foram ameaçados de atear fogo em seus estabelecimentos comerciais", destaca Katerina, professora de grego em um centro social para imigrantes.

A crise econômica, as medidas de austeridade, o elevado desemprego e a alta imigração legal e ilegal serviram de incentivo ao crescimento do Aurora Dourada, que

ganhou influência com os bons resultados eleitorais: enquanto no pleito de 2009 a legenda tinha recebido 0,3% dos votos, dessa vez registrou quase 7%.

Nikea foi tradicionalmente um celeiro de votos comunistas, pois não esquece a batalha que seus habitantes travaram contra os ocupantes nazistas em 1944. A revolta foi reprimida pelas tropas alemãs e centenas de moradores foram executados.

Ainda hoje, mais de 60% dos votos do bairro vão para a esquerda (Syriza e Partido Comunista, especialmente), mas o Aurora Dourada foi o terceiro partido mais votado nas últimas eleições, com quase 9%, e desde que a inauguração do escritório local do partido neonazista, em maio, os ataques aumentaram no bairro. Segundo Javet Aslam, presidente da comunidade paquistanesa na Grécia, cerca de 300 imigrantes ficaram feridos em agressões racistas nos últimos três meses.

Em um dia de meados de junho, às 6h, o paquistanês Ghuldam Murtza estava a caminho do trabalho quando foi visto por quatro motoqueiros. Eles mudaram o sentido para persegui-lo e o espancaram até que sofreu severas contusões na cabeça e teve o nariz quebrado. "Se os membros do Aurora Dourada encontram um imigrante sozinho, sobretudo de noite, o enviam para o hospital. E isso ocorre diariamente", denuncia Mohammed, que trabalha no mercado do bairro.

Por isso, na quinta-feira passada, a União de Trabalhadores Imigrantes e o Movimento Unido Contra o Racismo e a Ameaça Fascista convocaram em Nikea uma manifestação de apoio aos imigrantes, exigindo o fim da violência e o fechamento da sede do partido neonazista no bairro. Cerca de mil pessoas, em sua maioria paquistaneses, se reuniram sob o lema: "Aurora Dourada é uma gangue neonazista. Nem no Parlamento nem em nenhum lugar, fora os fascistas dos bairros".

Cerca de 200 militantes do Aurora Dourada isolaram a rua de sua sede e, armados com bastões e escudos pintados com o símbolo da antiga Esparta, se apertavam em formação. "Estamos aqui para proteger nossa sede. É ridículo e inaceitável que paquistaneses, indianos e árabes se manifestem pedindo a ilegalização de um partido que está no Parlamento", critica Ioannis Lagos, um dos homens no comando da legenda e guarda-costas habitual do líder neonazista, o ex-militar Nikolaos Michaloliakos.

Outro porta-voz local do partido, Giorgos Patelis, acusa os imigrantes de cometerem roubos e protagonizarem episódios de violência "diariamente" no bairro e que seus homens se limitam a "comparecer em ajuda dos cidadãos gregos quando estes o pedem", o que implica patrulhar as ruas. Patelis nega ter ameaçado os paquistaneses e afirma que seu partido utiliza meios "legais" para suas ações. Além disso, ele menciona que o principal dos objetivos do grupo é "que todos os imigrantes vão embora", pois, para os neonazistas, "nenhum é legal".

"Não é verdade! Os que nos ameaçaram se apresentaram abertamente como membros do Aurora Dourada. O problema é que fomos denunciá-lo à polícia e nos disseram que eles não podiam fazer nada", protesta Aslam.

EFE - Agência EFE - Todos os direitos reservados.

Fonte: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,O15883775-E18142,00->

[Neonazistas+atacam+imigrantes+estrangeiros+em+bairro+da+Grecia.html](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,O15883775-E18142,00-Neonazistas+atacam+imigrantes+estrangeiros+em+bairro+da+Grecia.html), acesso em 16/09/2012.